

**Documentação Museológica no Instituto Ricardo Brennand:  
delineamentos sobre a obra de arte  
como documento e fonte de pesquisa**

**Paula Andrade Coutinho**

Doutoranda em Museologia e Patrimônio – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil  
Bolsista – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

 <https://orcid.org/0000-0003-3720-1204>

E-mail: paulaacoutinho@yahoo.com.br

**Resumo:** O presente artigo apresenta a trajetória do setor de Museologia do Instituto Ricardo Brennand através de seu corpo profissional e das ações voltadas para a gestão do acervo através da Documentação Museológica. Objetiva discutir aspectos metodológicos do setor, bem como a potencialidade dos discursos construídos mediante o trabalho com o bem cultural. Com relação às atividades de documentação dos bens musealizados, analisa-se processos técnico-metodológicos, tais como catalogação e pesquisa, por meio das fontes informacionais e investigações realizadas sobre as obras. Apresenta, assim, os discursos criados pelo museu através da análise de duas obras de arte do acervo, *Engenho e Vilarejo em Serinhaém*, de Frans Post, com base nas informações de suas fichas de registro. A análise permite perceber aspectos informacionais direcionados às trajetórias sociais das obras e a potencialidade do valor documental enquanto fonte de informação.

**Palavras-chave:** Instituto Ricardo Brennand; Documentação; Obras de Arte; Museu; Museologia.

**Museological Documentation at the Ricardo Brennand Institute: delineations on the artwork as a document and source of research**

**Abstract:** This article presents the Museology sector's trajectory of the Ricardo Brennand Institute through its professional body and of actions aimed at the collection's management through Museological Documentation. Objectives to discuss methodological aspects of the sector, as well as the potentiality of discourses built through the work with the cultural good. With regards to the activities of the musealized assets' documentation, it analyzes technical-methodological processes, such as cataloging and research, by means of informational sources and investigations carried out on the works. It thus presents the discourses created by the museum through the analysis of two artworks from the collection: *Engenho and Vilarejo em Serinhaém*, by Frans Post, based on information from their registration forms. The analysis allows us to perceive informational aspects directed to the social trajectories of the works and the potentiality of the documentary value as long as the source of information.

**Keywords:** Ricardo Brennand Institute; Documentation; Art works; Museum; Museology.

**Texto recebido em: 05/07/2022**

**Texto aprovado em: 17/11/2022**

## **Introdução**

Os museus são espaços de salvaguarda e preservação das coleções selecionadas e constituídas para representar e testemunhar aspectos culturais e históricos de indivíduos ou grupos sociais. Os bens culturais, com foco nos de natureza material, tornam-se passíveis de preservação e disseminação por serem referenciais da própria relação dos indivíduos com sua realidade. São selecionados pela carga de significados e valores que lhes são atribuídos socialmente. E essas atribuições não são aleatórias e despropositais. Ao longo da vida de um objeto, seus usos, manutenções, proprietários e funções agregam importância dentro da cultura na qual está inserido, motivo de sua seleção. Podemos identificar na trajetória do objeto e nos interesses de determinados grupos sociais as principais razões de sua presença no museu.

Os bens culturais, enquanto evidências materiais humanas, são interpretados e valorados socialmente pelos seus significados documentais, podendo fornecer informações jamais previstas no momento de sua produção. Enquanto traços deixados pelo/no passado e presente, são alguns destes interpretados e valorados como vestígios documentais de determinadas realidades, atuando como suporte de informação, memória e testemunho.

Esses bens não são destacados e valorados documentalmente de forma despreziosa e desinteressada; não são selecionados todos os objetos do passado ou representam-no. Seus sentidos são fabricados e são selecionados segundo relações de interesse, poder e retóricas por sujeitos sociais que detêm autoridade (LE GOFF, 1990, p. 545).

Inversamente ao que comumente se pode concluir, o valor documental não é atribuído e restrito unicamente aos objetos de natureza escrita, como cartas, ofícios, diários etc. Integram-se outros de natureza diversa, que “servem para representar ou reproduzir determinado pensamento, independentemente da forma como se apresente” (OTLET, 2018, p. 11).

Nos museus, os valores documentais dos bens culturais, das obras de arte, por exemplo, recebem efetivo tratamento informacional e são decodificados por meio da Documentação Museológica. A documentação, nos museus, possui importante papel por ser base para o bom exercício das demais funções, que objetivam a salvaguarda, estudo e disseminação dos objetos e de suas informações (FERREZ, 1994, p. 65). Essas funções se direcionam para a aproximação e diálogo com os

indivíduos usuários (público visitante, público interno e pesquisadores), já que é para eles que os objetos são significativos, pois estão a serviço da sociedade. Partindo dessas premissas, nosso artigo aborda as ações do setor de Museologia do Instituto Ricardo Brennand (Instituto RB) e o tratamento informacional aos quais recebem os objetos no museu, objetivando refletir sobre as potencialidades infodocumentais dos bens musealizados<sup>1</sup>.

Nesse cenário, a informação e a sua disseminação ganham destaque. Informações não emanam dos objetos. O indivíduo é quem as constrói mediante o seu repertório intelectual e a sua própria experiência, para referenciar as narrativas e discursos a serem construídos para e a partir do objeto (MENEZES, 1998). Na Documentação Museológica, esses “indivíduos” são principalmente aqueles que constituem o corpo técnico de profissionais de museus (os museólogos, por exemplo), que desenvolve fundamental trabalho de construção, pesquisa, direcionamento e disseminação das informações<sup>2</sup>.

A Documentação Museológica é um vasto campo de estudo para pesquisas direcionadas à informação, à coleção, à exposição, ao seu papel social, ao público, ao próprio museu, entre outros. Contudo, algumas instituições não baseiam suas pesquisas, as suas histórias e de suas coleções nessa perspectiva. É a partir dessa constatação que propomos refletir e discutir sobre a Documentação Museológica e as obras de arte do Instituto Ricardo Brennand, com o objetivo de conhecer parcela das atividades e dos processos metodológicos do setor de Museologia, bem como a potencialidade e características da construção de seus discursos e narrativas, realizados pelas museólogas<sup>3</sup> e demais especialistas, a partir do trabalho com o bem cultural enquanto documento e seus referentes documentais e bibliográficos<sup>4</sup>, como forma de coleta e disseminação da informação.

O Instituto RB foi fundado pelo empresário e colecionador pernambucano Ricardo Coimbra de Almeida Brennand (1927-2020). O gosto colecionista de Ricardo Brennand começou desde cedo e o estimulou a, constantemente, adquirir objetos para sua coleção privada. O colecionismo do Instituto RB está diretamente ligado ao colecionismo de seu fundador. Ao longo da história do museu, seu acervo foi ampliado significativamente graças às aquisições e doações de Brennand, que afirmava sempre ter desejado “repartir a contemplação e a vivência de tal acervo com a gente do meu Pernambuco” (FINER, 2008, p. 9).

O Instituto RB foi pensado para a preservação e comunicação dos bens culturais sob sua guarda, tendo como missão “constituir, preservar e difundir seu acervo museológico, bibliográfico e arquivístico voltado à preservação da memória, da arte e da cultura” (INSTITUTO..., 2019, p. 7). Criado a partir dessa missão, o setor de Museologia do Instituto esteve desde o início responsável pelo desenvolvimento da Documentação Museológica e voltado para a gerência das obras de seu acervo. Profissionais de museu sempre exerceram papel fundamental nesse cenário, como responsáveis pelo processo e trabalho teórico-metodológico com os objetos musealizados enquanto documento e fonte de informação.

Objetivando refletir sobre o trabalho do setor de Museologia do Instituto RB, delinearemos o processo de formação e sistematização de sua Documentação Museológica considerando dois períodos do século XXI: 1ª e 2ª décadas, ou Década I e Década II. Essa periodização se baseia na trajetória do próprio museu, que foi fundado em 13 de agosto de 2001 e aberto à visitação pública em 13 de setembro de 2002.

O olhar sobre o trabalho de Documentação do setor de Museologia do Instituto RB se dá através das fontes, direcionando-se para os trabalhos realizados pelas museólogas no desenvolvimento de suas ações. Posteriormente, analisamos duas obras de arte do acervo, *Engenho e Vilarejo em Serinhaém*, de Frans Post, com base nas informações de suas fichas de registro, como uma das fontes do trabalho desenvolvido pelo setor, objetivando perceber as potencialidades no que diz respeito ao seu valor documental enquanto fonte de informação. Para isso, recorreremos ao auxílio de referenciais documentais e bibliográficos e dos caminhos discursivos e narrativas acerca desses referenciais, o mesmo que “Discurso/Documento de Arte e sobre Arte” (LIMA, 2000).

### **Fundamentação teórica**

O labor documental e informacional realizado nas instituições museológicas resulta no desenvolvimento da Documentação Museológica das coleções, que é definida como:

o conjunto de informações sobre cada um dos seus itens e, por conseguinte, a representação destes por meio da palavra e da imagem (fotografia). Ao mesmo tempo, é um sistema de recuperação de informação capaz de transformar (...) as coleções dos museus de fontes de informação em fontes de pesquisa científica ou em

instrumentos de transmissão de conhecimento (FERREZ, 1994, p. 65).

A Documentação Museológica exerce importante papel no museu, pois orienta e sustenta as principais vertentes dentro da instituição, alicerçando a administração, a conservação, a restauração, a comunicação, a pesquisa, a ação educativa e as demais áreas que o compõem. Os profissionais atuam no âmbito teórico e prático da Museologia e de outras áreas do conhecimento de modo interdisciplinar<sup>5</sup>, estruturando o museu para, cada vez mais, exercer sua missão de atuar a serviço dos indivíduos sociais, os quais representa e para os quais é significativa.

Os museus possuem o grande desafio de trabalhar para potencializar os valores atribuídos aos objetos de seus acervos, que se enquadram na categoria de bem cultural musealizado, enquanto instrumentos para o diálogo e aproximação das instituições com a sociedade, contribuindo para a produção de conhecimentos e para a sua disseminação enquanto fontes de informação e fruição. Ao serem subordinados a parâmetros técnicos específicos “de caráter infocomunicacional baseados na agregação de valores a coisas de diferentes naturezas, às quais é atribuída a função de documento” (LOUREIRO, 2012, p. 93), abre-se um leque diverso de possibilidades e discursos, como os que apresentamos nesse texto.

É necessário pensar e atuar nos museus a partir de suas funções, que devem dialogar com o conjunto de informações que são pesquisados a partir dos objetos musealizados. É na documentação que encontramos fonte profícua para a “pesquisa científica e para a comunicação que, por sua vez, geram e disseminam novas informações” (FERREZ, 1994, p. 65).

A informação, apesar de tradicionalmente relacionada a documentos impressos, meandras espaços mais complexos e distintos. Para além de textos escritos, a informação, nos alerta Lena Vânia Pinheiro (2004, p. 1), “pode estar num diálogo entre cientistas, em comunicação informal (...) numa fotografia ou objeto, no registro magnético de uma base de dados ou em biblioteca virtual ou repositórios, na Internet”. Nos museus, seu potencial deve ser estimulado, podendo os discursos e narrativas ganhar rumos e proporções surpreendentes e prósperos.

Existe ampla discussão conceitual sobre o objeto, suporte de informação, enquanto documento. Acerca da noção de documento, Paul Otlet (2018, p. 59) compreende que “em seu conjunto [é] a memória materializada da humanidade”, considerando-os, “organismos de conservação, concentração e difusão do

pensamento, sendo necessário considerá-los como instrumentos de pesquisa, cultura, ensino, informação e recreação, (...) são receptáculo e o meio de transporte das ideias”. Para Otlet (2018, p. 11), o documento

Abrange não apenas o livro propriamente dito, manuscrito ou impresso, mas também revistas, jornais, textos escritos e reproduções gráficas de qualquer espécie, desenhos, gravuras, mapas, esquemas, diagramas, fotografias, etc. (...) isto é, meios que servem para representar ou reproduzir determinado pensamento, independentemente da forma como se apresenta.

Considerar os vestígios materiais como documentos significa superar a valoração única do registro escrito. A ele acrescenta-se todo material histórico, “os vestígios da cultura material, os objetos de coleção, os tipos de habitação, a paisagem, os fósseis” (LE GOFF, 1990, p. 553).

A noção de documento é atribuída a uma infinidade de bens culturalmente produzidos. Entretanto, não se deve romantizar o processo de atribuição de valores documentais aos objetos. Pois, como resultante das relações e dinâmicas sociais, estes são selecionados e “fabricados” enquanto documentos a partir de conflitos, disputas e poder de grupos que detêm autoridade simbólica e econômica para impor tais valorações (COUTINHO, 2017).

Os documentos são vestígios que podem integrar determinadas narrativas e discursos localizados sobre os fatos, são representações. São fontes para a construção de ideias e perspectivas sobre contextos, fatos e questões sociais. São produções, valorações e o que é selecionado para preservar, não apenas o bem cultural em si, como a própria ideia e o discurso a ele vinculado e que passa a representar. A análise documental do bem permite potencializar sua função memorial e usá-lo cientificamente (LE GOFF, 1990, p. 545, 553).

Documentos podem fornecer informações intrínsecas<sup>6</sup> e extrínsecas<sup>7</sup> quando são analisados, pois as informações não emanam dos objetos; é o pesquisador quem questiona e constrói o conhecimento.

O que faz de um objeto documento não é, pois, uma carga latente, definida, de informação que ele encerre, pronta para ser extraída, como o sumo de um limão. O documento não tem em si sua própria identidade (...). É, pois, a questão do conhecimento que cria o sistema documental (MENEZES 1998, p. 95).

Não são os especialistas que fazem o objeto falar; são eles próprios que falam “e a explicitação de seus critérios e procedimentos é fundamental para definir o alcance de sua fala. Toda operação com documentos, portanto, é de natureza retórica” (MENEZES 1998, p. 95). A reverberação do discurso depende das ações pautadas pelos museus, por meio de seus especialistas, por exemplo, ao identificar e disponibilizar para acesso esses conhecimentos, para seu efetivo alcance social.

Muitas pesquisas direcionam o olhar sobre o museu como forma de compreendê-lo socialmente, pelas diversas áreas do conhecimento. Porém, carecem estudos sobre o museu e seu acervo a partir da história de sua Documentação Museológica e da construção narrativa dos bens culturais e seus referentes documentais e bibliográficos.

É a partir dessa constatação que propomos refletir e discutir sobre a Documentação Museológica e as obras de arte do Instituto Ricardo Brennand, com o objetivo de conhecer parcela do processo metodológico utilizado na construção de seus discursos e narrativas, realizados pelas museólogas e demais especialistas a partir do trabalho com o bem cultural enquanto documento e seus referentes documentais e bibliográficos, como forma de coleta e disseminação da informação.

Ao discutirmos sobre a Documentação Museológica e as obras de arte do Instituto RB, lançando olhar sobre o processo metodológico e sobre discursos daí construídos, destacamos a informação no museu, utilizando como referência as fontes e os objetos<sup>8</sup> pertencentes ao seu acervo museológico. Compreendemos sua potencialidade e valor informacional e documental segundo a perspectiva explorada pela museóloga Diana Lima (2000), estudando-os enquanto “Documentos de Arte” e os referentes documentais e bibliográficos, que embasam a reflexão acerca desse objeto, como “Documentos sobre Arte”. Essa perspectiva pode ser integrada ao campo investigativo de análise da Informação da Arte<sup>9</sup> por apresentar perspectivas de investigação e interpretação do objeto da arte: Documento da Arte e Documento sobre Arte. Pois, como acrescenta Lima:

A Informação da Arte enfoca o estudo especializado da comunicação e disseminação da informação que contempla assuntos artísticos vinculados às coleções reconhecidas como de natureza museológica, em suas feições plurais, no tocante ao processamento do acervo e quando da sua exposição pública em ambiente fechado ou a céu aberto. Deste modo, ele projeta seu foco e alcança as denominadas fontes de estudo para tais acervos (LIMA, 2000, p. 19).

Essa abordagem se adequa à investigação proposta, pois foi gerada nos museus de arte, contexto semelhante ao que propomos estudar. Inicialmente a Informação em Arte foi direcionada aos trabalhos da Documentação Museológica, especificamente no âmbito do Sistema de Indexação e Recuperação da Informação. A partir das décadas de 1970 e 1980, como resultado dos trabalhos e pesquisas desenvolvidas pelo Comitê Internacional de Documentação do Conselho Internacional de Museus (CIDOC - ICOM) e dos programas realizados pela Fundação J. Paul Getty, a Informação em Arte ganhou proporção e expandiu-se “formalizando seus espaços de ação” (LIMA, 2000, p. 19).

Sistemas de informação incrementam o poder de comunicação da Documentação Museológica. Enquadram-se nos avanços tecnológicos e informacionais que contribuem para tornar o trabalho de informação e disseminação relevante ator no cenário museológico contemporâneo, que prioriza a comunicação como principal meio de interação com as pessoas, sejam usuários, pesquisadores ou especialistas de museus. Os sistemas permitem o armazenamento (salvaguarda) e disseminação das informações e pesquisas sobre as obras, desde sua produção até sua trajetória e contextos, sob diversas perspectivas, acessíveis assim em qualquer local e hora. Seriam os “registros culturais de leitura da obra” (LIMA, 2000, p. 18), através de uma perspectiva ampla que abrange a produção artística, a obra de arte em si e fontes referenciais para seu estudo e compreensão.

Discutimos as atividades e percurso de catalogação e pesquisa do setor de Museologia como resultado metodológico da Documentação Museológica sobre objetos de arte no ambiente especializado do museu – em específico, do Instituto Ricardo Brennand. Em seguida, direcionamos o olhar para a percepção documental por meio de duas obras de arte – *Engenho* e *Vilarejo em Serinhaém*, de Frans Post –, sob custódia do Instituto RB, através de suas fichas de registro disponíveis em sua base de dados informatizada<sup>10</sup>. O intuito é perceber o potencial e as características do discurso institucional e as fontes documentais utilizadas para o trabalho de Documentação Museológica, ou seja, Discurso/Documento da Arte e sobre Arte, para transformar os bens, enquanto fontes de informação, em fontes para pesquisa e disseminação do conhecimento.

## O olhar sobre a Documentação Museológica do Instituto RB

O Instituto RB é definido conceitual e gerencialmente como museu de arte (INSTITUTO..., 2019). Enquadra-se na categoria de museu tradicional (SCHEINER, 2005, p. 92), estando alicerçado “na atividade de conhecer/estudar seu acervo e todas as [suas] implicações teóricas e práticas” (LIMA, 2000, p. 20). Ao objetivar utilizar a informação, a partir do trabalho documental com os objetos, como forma de disponibilizar e disseminar seu acervo museológico, suas ações se fundamentam no desenvolvimento da relação com o usuário.

O acervo museológico<sup>11</sup> do Instituto RB é bastante diversificado, proveniente de épocas, contextos, estilos e regiões distintos. Possui um conjunto que ultrapassa a margem das cinco mil obras<sup>12</sup> e que, até 2020, esteve em constante processo de ampliação<sup>13</sup>. Ricardo Brennand adquiriu para o museu obras individuais e em conjuntos, chegando a comprar coleções inteiras. Essa especificidade, assim como em outros museus, se destaca de tal forma na instituição que a antropóloga Nicole Costa (2010) utilizou a expressão “coleção de coleções” para definir o acervo do Instituto RB.

A compreensão do valor informacional do acervo e sua importância para o desenvolvimento das ações do museu vêm orientando os profissionais do Instituto RB. O trabalho de Documentação Museológica da instituição começou quando Ricardo Brennand doou objetos de sua coleção particular para o museu que estava a criar, em 2000. A partir desse período até 2004, o trabalho de Documentação Museológica esteve orientado principalmente para o gerenciamento do acervo e coleta de informações e referências sobre as obras doadas – o mesmo que Documento de Arte e sobre Arte –, o que resultou na produção do *Inventário e Registro Museológico da Coleção de Arte do Instituto Ricardo Brennand, 2001-2003* (2003).

Ao longo de sua história, o Instituto RB conta com museólogas e restauradora coordenando o setor de Museologia, desempenhando e estruturando referencial e metodologicamente os processos que envolvem a Documentação Museológica da instituição. Os especialistas do museu atuam e colaboram para a/na construção e interpretação dos discursos e narrativas acerca da obra de arte, produzindo, registrando e disseminando conhecimento a partir de suas pesquisas e interpretações documentais e referenciais, abrangendo o Discurso sobre Arte. A contribuição desses profissionais, alicerçando o desenvolvimento da Documentação

Museológica, corrobora a própria história do museu, fator fundamental para a compreensão da instituição museológica.

O trabalho de Documentação Museológica desenvolvido pelo Instituto RB será apresentado e dividido em dois momentos (Década I e Década II) através do direcionamento do olhar para o setor de Museologia, desde o início de suas atividades até os dias atuais.

#### Década I: Setor de Museologia

- Entre 2000 e 2004 (aproximadamente<sup>14</sup>) – coordenação da primeira museóloga;
- Entre 2004 e 2010 (aproximadamente) – sem museóloga(o). Coordenação pela restauradora nos setores de Museologia, Conservação e Restauro.

#### Década II: Setor de Museologia

- De julho de 2011 a fevereiro de 2019 – coordenação da segunda museóloga;
- Janeiro a março de 2019 – coordenação da terceira museóloga;
- Abril de 2019 aos dias atuais – coordenação da quarta museóloga.

Os trabalhos de Documentação Museológica do Instituto RB contaram desde o início com um corpo de especialistas da área de Museologia bastante limitado quando consideramos a dimensão e a potencialidade do acervo, contando apenas com uma museóloga e alguns técnicos para auxiliar – realidade não distinta das de muitas instituições brasileiras na atualidade –, fator que contribui para que a extensão do alcance de seus resultados tenha sido menor que a objetivada pelo museu, principalmente pela complexidade e aprofundamento de pesquisa que o sistema de documentação exige por sua igual complexidade. Entretanto, considerando as questões apresentadas, os trabalhos desenvolvidos pelo setor de Museologia do Instituto RB vêm se ampliando e tomando proporções significativas, como poderemos evidenciar.

#### Década I

O setor de Museologia do Instituto RB orientou suas principais ações para a gestão do acervo museológico. No primeiro trabalho de processamento técnico museológico foi utilizado como suporte o processador de texto Microsoft Word enquanto ferramenta de armazenamento e consulta, além da versão impressa. As

obras foram registradas com base nas informações documentais e bibliográficas, variando de acordo com a disponibilidade de informação acerca de cada peça. Os objetos do acervo museológico do Instituto RB, nesse momento, foram metodologicamente registrados a partir da “tipologia e uso/função”: armaria; artes decorativas; artes visuais; artes gráficas; cartografia; escultura; fragmento de arquitetura; heráldica; instrumentos musicais; mobiliário; numismática; e tapeçaria (INSTITUTO..., 2003, p. 3-4).

O registro das obras foi realizado por meio da elaboração de uma ficha de registro, dividida em 25 campos, utilizando o número de registro (número de identificação) binário sequencial: a primeira parte com quatro algarismos representando o ano de catalogação, seguido de elemento de separação (/) e numeração de forma sequencial com cinco algarismos. Por exemplo, a obra “Engenho”, de Frans Post, cujo registro era “2001/00039”.

Para o desenvolvimento do trabalho foi consultada uma gama variada de referenciais teóricos e técnicos, dentre eles:

manual de Documentação Museológica do Museu de Belas Artes do Rio de Janeiro, o Tesauros [sic] para Acervos Museológicos do Museu Histórico Nacional, o Sistema de Documentação de Acervos Museológicos do Museu do Homem do Nordeste da Fundação Joaquim Nabuco e finalmente o Museum Registration (INSTITUTO, 2003, p. 4).

O Inventário e Registro Museológico teve como referente também a própria obra de arte, através dos atributos intrínsecos, quando podem ser coletados “através das propriedades de natureza físico-química” (MENESES, 1998, p. 91): “dados encontrados na peça como autor, título, assinatura e local, data, origem, identificação da matéria prima e técnica das obras, medição, classificação por categoria e descrição”. Também foram utilizadas fontes referenciais, documentos e bibliografia, sobre a obra e seus contextos: catálogos e publicações especializadas do mercado de arte; correspondência comercial e informações colhidas junto ao colecionador Ricardo Brennand e seus apontamentos manuscritos (INSTITUTO..., 2003, p. 4).

O trabalho realizado não se propôs conclusivo, estando em aberto para desdobramentos e acréscimos a partir das pesquisas a serem realizadas. Foi instrumento para a continuidade da Documentação Museológica no setor. E assim sucedeu, no final da Década I – período sem a gestão de um museólogo – com o intuito de acompanhar os avanços de registro (armazenamento), acesso e

disseminação das informações referentes à Documentação Museológica do seu acervo, o Instituto RB adquire através da empresa Prima Informática o Sistema SophiA Acervo<sup>15</sup>.

Nesse período, houve a estruturação da ficha de registro no Sistema SophiA Acervo, através do diálogo e da troca de experiências e conhecimentos com profissionais do museu: dos setores da Biblioteca (Biblioteconomia), Pesquisa (História), Museologia e Conservação (coordenado pela restauradora) e Coordenação Geral (Comunicação). O Inventário e Registro (2001-2003), realizado na Década I, serviu de referência e alicerce informacional para a Base de Dados Informatizada. Após o desenvolvimento da ficha, modelo único para todo o acervo museológico, os trabalhos no final da Década I no SophiA Acervo foram direcionados para a inserção de algumas obras pela técnica do setor de Museologia (INSTITUTO..., 2019).

## Década II

Nesse período, o setor de Museologia passa por um processo de reestruturação em suas ações: em 2011 há a contratação de uma museóloga; os referentes documentais das obras sob responsabilidade do setor começam a ser reorganizados; a atenção direciona-se em primazia para a gestão informacional do acervo. Em 2013<sup>16</sup>, após o conhecimento e pesquisa do trabalho até então desenvolvido, estudo e treinamento do Sistema SophiA Acervo, consulta e pesquisa de referencial teórico e técnico sobre Documentação Museológica (INSTITUTO, 2003; CAMARGO-MORO, 1986; FERREZ; BIANCHINI, 1987; FERREZ, 1994; SANTOS, 2000; PADILHA, 2014), há elaboração do Plano de Trabalho para a sistematização das ações voltadas para a Documentação Museológica.

Houve a mudança e elaboração textual da função do setor de Museologia, objetivando a especialização e conhecimento das ações e objetivos que concernem ao setor. Sua função passou por alterações desde sua criação, mas em 2015 foi normalizada através do Plano Museológico da instituição, voltado para “a preservação, gestão e estudo” de seu acervo museológico, “a fim de possibilitar que as obras se tornem fonte de informação para pesquisa científica, comunicação e disseminação do conhecimento” (INSTITUTO..., 2019, p. 13).

O trabalho no acervo pautado e discutido no setor de Museologia e reverberou no maior diálogo e parcerias com outros setores do museu para

direcionar as ações com foco na pesquisa das obras<sup>17</sup> e na alimentação do SophiA Acervo, com informações sobre as obras de arte.

As obras foram geridas informacionalmente nas fichas de registro do SophiA por “coleções”, com os seguintes critérios de divisão: procedência (exemplos: Coleção Janete Costa e Acácio Gil Borsoi; Coleção Peter Finer); coleções construídas e legitimadas pelo museu e também pelo colecionador Ricardo Brennand (Coleção Frans Post, Coleção Oitocentos Brasileiro, Coleção Francisco Brennand); tipologia e uso/função (Coleção de Mobiliário, Coleção de Esculturas).

A ficha de registro em modelo único para todo acervo museológico foi mantida. Os códigos de registro passaram de numéricos para alfanuméricos<sup>18</sup>: primeira parte com identificação da instituição “RB” (Ricardo Brennand), seguida de numeração sequencial com cinco algarismos, por exemplo, a obra “Engenho”, de Frans Post, cujo registro é “RB 00023”. Organizacionalmente, as informações foram estruturadas – desde o final da Década I, passando por alterações e acréscimos na Década II – por divisões/módulos de contexto informacional, totalizando oitenta campos, divididos nas seguintes seções:

- I – Identificação – informações de registro da obra, informações intrínsecas, aspectos da produção artística e do artista (autor);
- II – Aquisição – informações referentes ao processo de aquisição e entrada da obra para o acervo do Instituto RB;
- III - Pesquisa – informações resultantes dos estudos e pesquisas extrínsecos à obra, trajetórias e contextos da obra e do artista (referencial documental, bibliográfico etc.);
- IV – Localização – informações referentes às movimentações da obra nas exposições, guarda ou empréstimos – interna (Instituto RB) e externa (empréstimos para outras instituições). É o histórico da localização da obra no museu e fora dele;
- V – Conservação – informações sobre o trabalho e histórico de conservação (preventiva e curativa) da obra;
- VI - Restauro – informações sobre possíveis intervenções na obra;
- VII - Indexação – registro dos profissionais que trabalharam na inserção das informações, bem como datas do registro da obra na ficha e da última atualização.

Como se trata de ficha única, algumas informações são específicas para determinadas tipologias de objetos. Outro fator a considerar é que as obras não possuem todos os seus campos preenchidos e finalizados. As constantes pesquisas e coletas de informações em diferentes fontes geram dinamismo na alimentação das informações, cabendo aos especialistas estarem em processo continuado de busca e de inserção de dados.

A Documentação, na Década II, direcionou seu olhar para a trajetória e contextos das obras, como forma de estimular a percepção da história do museu e do colecionador por meio dos bens musealizados, além da própria biografia dos objetos, nas pesquisas referentes à procedência das obras. Esse trabalho demandou debruçar-se sobre as fontes: catálogos de arte e leilões; documentação e arquivos sobre as obras; bibliografia (foco no referencial da Biblioteca do Instituto RB); conversas com Ricardo Brennand, entre outras.

Os resultados, fruto do investimento na Documentação Museológica e da parceria com o setor de Pesquisa, foram percebidos paulatinamente por meio da relação com os usuários internos e externos: a parceria entre setores (Museologia, Ação Educativa e Biblioteca) da instituição na elaboração e desenvolvimento de projetos educativos; o crescimento nas pesquisas e consultas dos educadores ao *SophiA Acervo* para planejamento de suas ações no diálogo entre coleção e o público; o subsídio informacional para a concepção do novo site do Instituto RB; a base informacional para a elaboração de catálogo institucional da coleção *Oitocentos Brasileiro*, de autoria do historiador da arte José Roberto Teixeira Leite (LEITE, 2015); as consultas de pesquisadores para a produção de trabalhos acadêmicos, como os de Vieira (2010), Paiva (2017), Coutinho (2017), Galvão (2017), Santos (2018), Alves (2019), entre outros.

A trajetória e referência das atividades permite-nos perceber: a manutenção dos trabalhos anteriormente realizados; o aprimoramento do processo documental; a percepção e valoração informacional e do significado documental do acervo museológico; a base conceitual e metodológica aportada pelo referencial do campo da Museologia e seguindo as normas de documentação vigentes em museus brasileiros, resguardando as particularidades da instituição e de seu acervo museológico.

A breve discussão da história da Documentação Museológica do Instituto RB e seus resultados mostram o quão benéfico é o desempenho institucional de percepção e exploração informacional do valor documental das obras musealizadas, não somente para a instituição como para a própria sociedade. O ato de documentar é um processo metodológico infocomunicacional que observa o objeto/documento enquanto fonte de informação. Analisaremos brevemente as potencialidades informacionais e de interpretação das obras do acervo a partir de suas fichas de registro.

**A obra/documento de arte: fonte de informação e pesquisa**

A seleção das duas obras que compõem o acervo museológico do Instituto RB a serem analisadas não foi aleatória. Essas obras foram produzidas pelo artista holandês seiscentista Frans Post, que veio a se tornar o “carro chefe” do museu e, durante muitos anos, foi o foco da atividade colecionista do patrono Ricardo Brennand (LAGO, 2010, p. 6).

O conteúdo apresentado terá como fontes informações as fichas de registro das obras, enquanto resultado de parcela do trabalho e das pesquisas realizadas pelos especialistas do Instituto RB (museólogas e demais profissionais do museu). Serão abordadas informações intrínsecas e extrínsecas das obras e seus referentes documentais e bibliográficos, de forma a perceber parcialmente o potencial narrativo e discursivo. As referências trabalhadas e citadas são oriundas das próprias fichas de registro das obras e serão referenciadas no campo “Bibliografia”.

Para referenciar as obras trabalhadas utilizamos variados campos de suas fichas de registro, que são organizados por divisões/módulos de contexto informacionais, como anteriormente mencionado<sup>19</sup>. Mencionaremos aqui os módulos e os campos que alicerçaram o texto: Identificação – Coleção, Classe, Subclasse, N° de registro do cartório, N° de registro, Demais registros, Título, Demais títulos, Autoria, Local de execução, Data, Técnica/material e Dimensões; Aquisição – Forma de aquisição, Data da Aquisição, Data de entrada no Instituto RB, Vendedor(a), Intermediário; Pesquisa – Procedência, Pesquisa, Catálogo institucional e Bibliografia; Localização – Localização/Módulo expositivo; Conservação – Estado de conservação; e Indexação – Data de indexação e Última atualização.

As duas obras seiscentistas são de autoria do artista holandês Frans Janszoon Post (1612-1680)<sup>20</sup>, ambas produzidas na Holanda e datadas de 1660, intituladas *Engenho* e *Vilarejo em Serinhaem*<sup>21</sup>.

Adquiridas por Ricardo Brennand na forma de compra, em 2000, as obras foram catalogadas pela primeira vez, no museu, em 2001 (INSTITUTO..., 2003), ano de entrada no acervo do Instituto RB, por doação do colecionador. Foram identificadas no museu por diferentes números de registro ao longo de sua trajetória institucional: no Cartório, registradas por 229 e 230; no primeiro Inventário, identificadas por 2001/00039 e 2001/00040; desde 2014 são geridas

por registro alfanumérico, RB 00023 e RB 00024, respectivamente “Engenho” e “Vilarejo em Serinhaem”.



Fonte: Acervo Instituto Ricardo Brennand, Recife-PE.

**FIGURA 1**

***Engenho, 1660, Frans Post***



Fonte: Acervo Instituto Ricardo Brennand, Recife-PE.

**FIGURA 2**

***Vilarejo em Serinhaem, 1660, Frans Post***

As pinturas foram integradas à coleção institucional “Frans Post” e compõem desde o início a exposição de longa duração “Frans Post e o Brasil Holandês”<sup>22</sup>, primeira exposição com o próprio acervo do museu, considerada por Ricardo Brennand “o tema que escolhemos como foco de nossa atividade” colecionista e institucional (BRENNAND *In*: LAGO, 2010, p. 10).

O campo Procedência nos permite conhecer aspectos biográficos de ambas as obras. Aliado a outros campos, configura traços da trajetória desses objetos antes e durante a chegada ao Instituto RB. São fontes referenciais do campo Procedência:

- FORMULÁRIO de Catalogação de Obras de Arte Coleção Cultura Inglesa. n. 00170 e 00180. Rio de Janeiro: Documentação Pinakothek Cultural, 1994;
- LAGO, Bia Côrrea do (org.). *Frans Post e o Brasil Holandês na Coleção do Instituto Ricardo Brennand*. Recife: Capivara, 2003;
- LAGO, Bia Côrrea do (org.). *Frans Post e o Brasil Holandês na Coleção do Instituto Ricardo Brennand*. 2. ed. Recife: Capivara, 2010;
- LAGO, Pedro Corrêa do; LAGO, Bia Corrêa do. *Frans Post (1612-1680)*: obra completa. Rio de Janeiro: Capivara, 2006.

As duas pinturas foram concebidas por Frans Post enquanto par de dimensões semelhantes, 50 por 69 centímetros. Após a produção das duas obras pelo artista em 1660, suas trajetórias se tornam desconhecidas até início do século XX. Há notícias apenas em 1935, quando se encontravam à venda na Inglaterra, em Londres, numa feira de antiguidades chamada *Charing Cross*. Na ocasião, foram compradas pelo empresário e colecionador carioca Henry Joseph Lynch (1878-1958)<sup>23</sup>, pela quantia de 10 libras cada, para integrar sua coleção particular (FORMULÁRIO, 1994; LAGO; LAGO, 2006, p. 292). Enquanto estiveram em posse de Lynch, devem ter recebido, provavelmente, os títulos genéricos de “Paisagem” (SOUZA-LEÃO FILHO, 1948).

Em 1958, por ocasião de seu falecimento, o colecionador Henry Lynch lega sua coleção via testamento para a instituição cultural a qual ajudou a fundar, a Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa (SBCI), no Rio de Janeiro, que recebe a doação em 1959. A coleção foi dividida em biblioteca e pinacoteca – esta última possuindo 100 obras. Integradas a essa coleção estavam também as duas pinturas de Frans Post, que, pela documentação realizada na SBCI, receberam os títulos de

*Casa de fazenda e engenho (Pernambuco) e Aldeia e capela com varanda (Pernambuco)* (FORMULÁRIO, 1994).

A SBCI, provavelmente por questões econômicas, vendeu a coleção (pinacoteca) ao colecionador pernambucano Ricardo Brennand. A venda ocorreu com intermédio do colecionador e antiquário José Mário Fonseca, em 2000. A pinacoteca Lynch era formada nesse período por 95 obras, entre estampas e pinturas e na qual as duas pinturas de Frans Post estavam inseridas.

Ao longo de suas trajetórias, as duas pinturas a óleo integraram diversas exposições temporárias, cedidas pelos seus proprietários em forma de empréstimo. Entre 1935 e 1958, ainda em posse de Lynch, participaram da exposição “Frans Post” do Museu Nacional de Belas Artes (MNBA), no Rio de Janeiro, em 1942. Entre 1959 e 2000, já em posse da SBCI, participaram das exposições: “Os pintores holandeses do Príncipe Maurício de Nassau, do Museu de Arte Moderna, no Rio de Janeiro, em 1968; “Acervo Cultura Inglesa”, do MNBA, Rio de Janeiro, em 1984; em itinerância, sem o título da exposição registrado, em Kunsthalle Bassel [sic], Suíça e Kunsthalle Tubingen, Alemanha<sup>24</sup>; “Retratos do Paraíso”, no Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro, em 1990<sup>25</sup>; “Iconografia e Paisagem: Coleção Cultura Inglesa”, Pinakothek Cultural”, Rio de Janeiro, 1994.

No Instituto RB, nem todas as informações referentes aos empréstimos foram inseridas nas fichas de registro das obras do SophiA Acervo. Pois, as obras estão em processo de catalogação e suas informações em processamento para inserção e atualização na base de dados. Os referentes documentais acerca dos empréstimos encontram-se registrados e armazenados na documentação do setor de Museologia, no arquivo sob o título de “Empréstimos - Exposições Temporárias”, estando apenas registradas no SophiA: “Instituto Ricardo Brennand e o resgate do Brasil Holandês”, Galeria de Arte Sesi, Centro Cultural FIESP, São Paulo, 2007.

Institucionalmente foram produzidos no Instituto RB catálogos sobre o acervo e suas exposições. As referidas obras seiscentistas encontram-se apresentadas no catálogo institucional *Frans Post e o Brasil Holandês na coleção do Instituto Ricardo Brennand*, publicado em duas edições, em 2003 e em 2010 (LAGO, 2003; 2010).

Quanto ao estado de conservação das obras<sup>26</sup>, são consideradas e registradas como estando em bom estado, não havendo registro de nenhum trabalho de intervenção/restauro das pinturas, além de restauro na moldura da obra

“Engenho” em 2005. O primeiro Laudo técnico das obras, registrado sob guarda do Instituto RB, foi realizado em 2001.

A inserção das obras no SophiA Acervo data de 2010, período final da Década I, registrando as informações que constam no Inventário e Registro (2001-2003) e na Década II passa por nova pesquisa e levantamento informacional dos referentes documental e bibliográfico, a última atualização tendo ocorrido em outubro de 2018. O processo de pesquisa e coleta de novas informações é um trabalho contínuo na Documentação Museológica, o que demanda constância nas atividades de investigação sobre as obras no Instituto RB para a manutenção da função de produção e disseminação das informações sobre as obras de arte do acervo museológico sob sua salvaguarda.

### **Considerações finais**

Buscamos, neste texto, redirecionar a forma de olhar para o museu e seu acervo. A discussão expõe aspectos da trajetória e metodologia da Documentação Museológica do setor de Museologia do Instituto RB ao longo de duas décadas, apresentando resultados positivos e diálogo interdisciplinar com outros setores do museu, contribuindo significativamente para o desenvolvimento do trabalho. Há potencial para avanço e expansão, contemplando a continuidade da inventariação e pesquisa de todo o acervo, trabalho que não é fácil, mas deve ser contínuo. As principais ações e atividades devem ser mais voltadas às necessidades do usuário; é olhar para o indivíduo que atribui significado e valor às obras musealizadas, portanto patrimônio cultural. Isso demanda, no trabalho da Documentação Museológica, debruçar-se sobre o acervo e seu tratamento técnico infocomunicacional continuamente, constante investimento e diálogo entre setores nas ações e estudos acerca do objeto enquanto documento e fonte de informação, bem como o investimento e atenção às atividades voltadas à disseminação desses conhecimentos e à comunicação com o público.

O Sistema SophiA Acervo é a ferramenta utilizada para o registro e salvaguarda das informações sobre as obras pertencentes ao Instituto RB, tendo como uma das finalidades o acesso e disseminação dos conteúdos para a pesquisa e consultas em geral. Sua disponibilização foi ampliada ao público geral interessado desde novembro de 2019. De um sistema inicialmente utilizado apenas no âmbito de intranet institucional, o que limitava a consulta do visitante e/ou pesquisador

que utilizasse a internet via wi-fi do museu, passou à disponibilização da pesquisa através do site oficial do Instituto RB<sup>27</sup>, acessível em qualquer hora e local. A consulta permite busca por campos diversos: Palavra-chave; Autoria; Título; Localização/Modulo Expositivo; entre outros campos. Assim, disponibiliza ao usuário pesquisador informações sobre diversas obras do acervo.

O acesso às informações sobre as obras no site do Instituto RB, pelo sistema SophiA Acervo, possui dois fatores: alguns dados e campos das fichas de registro não foram inseridos e/ou atualizados; e a disponibilidade dos conteúdos é direcionada a alguns campos de identificação (média de 20 campos), em que, no caso de pesquisas mais aprofundadas e específicas, há necessidade de contato com o setor de Museologia, para acesso a informações mais detalhadas e referentes documentais das obras. Ressaltamos a necessidade da demanda contínua de atualização e novas pesquisas sobre as obras, principalmente considerando a extensão do acervo do museu. Bem como é válido ressaltar que o conteúdo disponível nos campos visíveis à consulta ajuda a compreender e conhecer as informações mais essenciais das obras pelo usuário interessado. Aos pesquisadores que desejam aprofundar as pesquisas, o contato com o setor de Museologia do Instituto RB é necessário.

As principais funções do museu – preservar, pesquisar e comunicar –, utilizando a obra de arte como documento e suporte de informação, existem no intuito de salvaguardar o bem cultural e produzir e disseminar informações e conhecimentos. Essas ações devem ter como principal finalidade atender às demandas informacionais dos usuários (público interno, visitante, pesquisador, entre outros) e é a eles, os usuários, quem devem servir. Por isso, a produção de conhecimentos e informações acerca do objeto documento devem ser pauta de reflexões e da construção de mecanismos de comunicação e diálogo entre o Instituto RB e o público. O patrimônio musealizado, assim como o próprio museu, demanda contínuo trabalho de análise, estudo, preservação e comunicação.

Debruçamo-nos sobre uma parcela do amplo universo da gestão documental e informacional do acervo museológico do Instituto Ricardo Brennand, percebendo a potencialidade de maior reflexão sobre esse assunto como forma de contribuir para a compreensão do próprio museu, sua missão, seu colecionador e acervo.

**NOTAS**

1. O processo de musealização é uma operação que desloca “física e conceitualmente” um objeto de seu contexto original, natural ou cultural, e atribui-lhe o estatuto museal no novo contexto, o museu (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2010, p. 48).
2. No contexto museológico do Instituto RB, como é o caso de colecionadores cujas coleções integram acervos de museus, temos Ricardo Brennand como agente na construção desses discursos e das informações, enquanto idealizador e fundador da instituição.
3. Ao longo da trajetória do Instituto Ricardo Brennand, o setor de Museologia foi gerenciado por mulheres: museólogas e restauradora. Por isso, ao citar as especialistas, no contexto do Instituto RB, utilizaremos sempre o gênero feminino.
4. São considerados referentes documentais e bibliográficos fontes que apresentem informações sobre as obras do acervo.
5. Para uma discussão sobre interdisciplinaridade em Museologia e outras áreas do conhecimento, ver: LIMA, 2007, 2008; PINHEIRO, 2018.
6. Integram as informações intrínsecas propriedades de natureza físico-química do objeto (MENEZES, 1998, p. 90), deduzidas do próprio objeto a partir das análises dessas propriedades (FERREZ, 1994, p. 66).
7. As informações extrínsecas caracterizam-se pelas informações documentais e contextuais, obtidas de fontes distintas dos objetos (FERREZ, 1994, p. 66).
8. Percebemos os “objetos documentos” como Categoria de Informação, que são “objetos culturais indicativos de formas de Representação do Conhecimento com propriedades específicas para informação” (LIMA, 2000, p. 17).
9. Informação em Arte é uma disciplina constituída a partir dos anos 1980 e que “vem se consolidando como apoio teórico para estudos das coleções e da disseminação da informação especializada do Campo Artístico” (GOMES; LIMA, 2012, p. 10).
10. As informações encontram-se disponíveis no Sistema de Informação no site do Instituto Ricardo Brennand. Para informações mais detalhadas, é necessária pesquisa junto ao setor de Museologia da instituição.
11. Vale ressaltar que o Instituto RB também possui os acervos bibliográfico e arquivístico.
12. O quantitativo exato das obras que compõem o acervo museológico está em processo de mapeamento/levantamento.
13. O colecionador Ricardo Brennand adquiriu ao longo de sua vida diversas obras, ampliando significativamente e constantemente o acervo do Instituto RB. Contudo, com seu falecimento, as aquisições no museu foram interrompidas.
14. Esses dados são uma estimativa por falta de informações documentais mais precisas.
15. O SophiA Acervo é uma base de dados adquirida pelo Instituto RB para a inserção das informações referentes às obras do acervo museológico catalogadas: para salvaguarda, acesso e disseminação do conteúdo produzido. O sistema SophiA também armazena imagens em alta e baixa resolução (em formatos como JPEG, TIFF etc.), textos (Word, PDF, Excel etc.), áudios e vídeos. O sistema permite a criação e exclusão de campos (indicadores) e fichas catalográficas a partir das particularidades e necessidades museológicas das instituições e dos especialistas.
16. Vale ressaltar que desde a Década I (não sabemos ao certo o ano) até o ano de 2014 estava agregado ao setor de Museologia o setor de Conservação e Restauo, o que demandava o gerenciamento administrativo das atividades relativas à área e aos funcionários conservadores e técnicos.
17. A pesquisa referente às informações extrínsecas das obras passou a receber a colaboração do setor de Pesquisa e Documentação da instituição.

18. O registro da obra modificou com o intuito de normatizar e facilitar a gestão e processamento técnico do acervo. Os registros anteriores foram preservados em campos específicos das fichas.
19. A ficha de registro é organizada em 7 divisões/módulos e oitenta campos.
20. Frans Janszoon Post destaca-se na história da arte brasileira por ser o primeiro paisagista europeu a retratar, no século XVII, a paisagem brasileira. O holandês veio para o Brasil por volta de 1637, como integrante da comitiva do conde João Maurício de Nassau (1604-1679). Fixou-se em Pernambuco até 1644, quando retornou ao seu país de origem, dando continuidade a seu trabalho artístico sobre o Brasil a partir dos esboços feitos durante sua estadia (LAGO, 2010, p. 13-22).
21. A escrita foi mantida conforme a documentação da obra.
22. Vale ressaltar que a exposição também é interpretada como meio de produção do Discurso sobre Arte (LIMA, 2000).
23. Sobre a trajetória colecionista de Henry Lynch, ver Coutinho (2017).
24. A obra *Engenho* não participou dessa exposição (FORMULÁRIO, 1994).
25. A obra *Engenho* não participou dessa exposição (FORMULÁRIO, 1994).
26. Os campos das divisões/módulos Conservação e Restauro das fichas de registro das obras no SophiA Acervo precisam ser atualizados com os processos de manutenção e higienização, realizados periodicamente pelo setor de Conservação e Restauro do museu.
27. O acesso para o SophiA Acervo e/ou outras informações sobre o acervo museológico acontece através do site do Instituto Ricardo Brennand, pela aba “Acervo”. Cf. <https://www.institutoricardobrennand.org.br/index.php/acervo>.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Moema de Bacelar. *Quando os artistas saem em viagem: trânsito de pintores e pinturas no Brasil na virada do século XIX para o XX*. Niterói, 2019. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de História, Universidade Federal Fluminense.
- CAMARGO-MORO, Fernanda. *Museu: aquisição/documentação*. Rio de Janeiro: Livraria Eça Editora, 1986.
- COSTA, Nicole do Nascimento Medeiros. *Coleção de coleções: antropologia do objeto museal no Instituto Ricardo Brennand*. Recife, 2010. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/1099>. Acesso em: 20 nov. 2020.
- COUTINHO, Paula Andrade. *Do palacete ao castelo: estudo da trajetória do colecionador Henry Joseph Lynch*. Salvador, 2017. Dissertação (Mestrado em Museologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia.
- DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. *Concepts clés de muséologie*. Paris: Armand, 2010.
- FERREZ, Helena Dodd. Documentação museológica: teoria para uma boa prática. *Estudos de Museologia*, Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1994. p. 65-74. (Cadernos de Ensaio 2).

FERREZ, Helena Dodd; BIANCHINI, Maria Helena S. *Thesaurus para acervos museológicos*. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória; Coordenadoria Geral de Acervos Museológicos, 1987. v. 1.

FINER, Peter (org.). *Coleção Brennand de armas no Castelo São João*: Instituto Ricardo Brennand. Recife: Instituto Ricardo Brennand, 2008.

FORMULÁRIO de Catalogação de Obras de Arte Coleção Cultura Inglesa. Rio de Janeiro: Documentação Pinakothek Cultural, 1994.

GALVÃO, Nara Neves Pires. *Colecionismo e performance: um percurso etnográfico pela coleção Ricardo Brennand*. Recife, 2017. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco.

GOMES, Daniela Matera do Monte Lins; LIMA, Diana Farjalla Correia. Fraseologia oitociana desvenda o labirinto: categorias documentais de Hélio Oiticica aplicadas à sua produção artística. *Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*, v. 5, n. 1, p. 1-20, 2012, Disponível em: <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/273>. Acesso em: 6 dez. 2020.

INSTITUTO RICARDO BRENNAND. *Inventário e registro museológico da coleção de arte do Instituto Ricardo Brennand, 2001-2003*. Recife: Instituto Ricardo Brennand, 2003.

INSTITUTO RICARDO BRENNAND. *Inventário museológico da coleção*. Recife: Instituto Ricardo Brennand, 2018.

INSTITUTO RICARDO BRENNAND. *Plano museológico do Instituto Ricardo Brennand*. Recife: Instituto Ricardo Brennand, 2019.

LAGO, Bia Corrêa do (org.). *Frans Post e o Brasil Holandês na Coleção do Instituto Ricardo Brennand*. Recife: Capivara, 2003.

LAGO, Bia Corrêa do (org.). *Frans Post e o Brasil Holandês na Coleção do Instituto Ricardo Brennand*. 2. ed. Recife: Capivara, 2010.

LAGO, Pedro Corrêa do; LAGO, Bia Corrêa do. *Frans Post (1612-1680): obra completa*. Rio de Janeiro: Capivara, 2006.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990, p. 535-553.

LEITE, Jose Roberto Teixeira. *O Oitocentos brasileiro na Coleção Ricardo Brennand*. Recife: Caleidoscópio; Instituto Ricardo Brennand, 2015.

LIMA, Diana Farjalla Correia. “Fertilização Cruzada” e um híbrido em gestação: Informação em Arte, um novo espaço do saber. In: LIMA, Diana Farjalla Correia. *Ciência da Informação, Museologia e fertilização interdisciplinar: informação em arte, um novo campo do saber*. Rio de Janeiro, 2003. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Instituto Brasileiro em Ciência da Informação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, p. 152-206. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/handle/123456789/683>. Acesso em: 6 dez. 2020.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Acervos Artísticos e Informação: modelo estrutural para pesquisas em Artes Plásticas. In: PINHEIRO, Lena Vania R.; GONZÁLEZ DE GOMÉZ, Maria Nélida (org.). *Interdiscursos da Ciência da Informação: Arte, Museu, Imagem*. Rio de Janeiro; Brasília: IBICT, 2000. p. 17-40.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Ciência da Informação e Museologia em tempo de conhecimento fronteiro: aplicação ou interdisciplinaridade? In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. *Anais [...]*. São Paulo: USP, 2008. p. 1-15. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/177580>. Acesso em: 6 dez. 2020.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Museologia e patrimônio interdisciplinar do campo: História de um Desenho (Inter)Ativo. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador. *Anais [...]*. Salvador: UFBA, 2007. p. 1-14. Disponível em: <http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/DMP--060.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2020.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Museologia, informação, comunicação e terminologia: pesquisa termos e conceitos da museologia (UNIRIO). In: GRANATO, M., SANTOS, C. P., LOUREIRO, M. L. N. M. (org.). *Documentação em museus*. Rio de Janeiro: MAST, 2008, p. 181-201. (MAST COLLOQUIA, 10).

LOUREIRO, Mária Lucia de Niemeyer Matheus. Sobre a musealização e seus contornos: a busca por uma definição. *Anais do Museu Histórico Nacional*, Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, v. 44, p. 91-106, 2012.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 89-104, 1998.

OTLET, Paul. *Tratado de documentação: o livro sobre o livro teoria e prática*. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/32627>. Acesso em: 7 dez. 2020.

PADILHA, Renata Cardozo. *Documentação museológica e gestão de acervo*. Florianópolis: FCC, 2014.

PAIVA, Diego Souza de. A originalidade de um copista nato: a coleção do Instituto Ricardo Brennand como prática de reprodução. In: SIMPÓSIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 24., 2015, Santa Maria. *Anais [...]*. Santa Maria: UFSM, 2015. p. 1988-2002.

PAIVA, Diego Souza de. *O David do Brennand e o protagonismo das cópias na história da arte: trajetórias e espaços expositivos de um objeto de arte particular*. Rio de Janeiro, 2017. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Informação: esse obscuro objeto da Ciência da Informação. *Revista Morpheus: Revista Eletrônica em Ciências Humanas*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 4, 2004. Disponível em: <http://seer.unirio.br/index.php/morpheus/article/view/4108>. Acesso em: 6 dez. 2020.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Mutações na Ciência da Informação e reflexos nas mandalas interdisciplinares. *Informação & Sociedade*, João Pessoa, v. 28, n. 3, p. 115-134, 2018. Disponível em <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/43317>. Acesso em: 6 dez. 2020.

SANTOS, Clara Gomes Nunes dos. *Conservação de acervos museológicos em metal: análise e sugestões acerca do estado de conservação das facas Bowie de luxo da coleção Joseph Rodgers & Sons, do Instituto Ricardo Brennand*. Recife, 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia) – Departamento de Antropologia e Museologia, Universidade Federal de Pernambuco.

SANTOS, Henrique dos. *Metodologia aplicada em museus*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2000.

SOUZA LEÃO FILHO, Joaquim de. *Frans Post*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1948.

VIEIRA, Daniel de Souza Leão. *Topografias imaginárias: a paisagem política do Brasil Holandês em Frans Post, 1637-1669*. Leiden, 2010. Tese (Doutorado) – Leiden University.

**Paula Andrade Coutinho** é Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), no Rio de Janeiro. Mestre e Bacharela em Museologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Coordenou os setores de Museologia (2011-2019) e Conservação e Restauro (2011-2014) do Instituto Ricardo Brennand. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

**Como citar:**

COUTINHO, Paula Andrade. Documentação Museológica no Instituto Ricardo Brennand: delineamentos sobre a obra de arte como documento e fonte de pesquisa. *Patrimônio e Memória*, Assis, SP, v. 18, n. 2, p. 327-351, jul./dez. 2022. Disponível em: [pem.assis.unesp.br](http://pem.assis.unesp.br).